

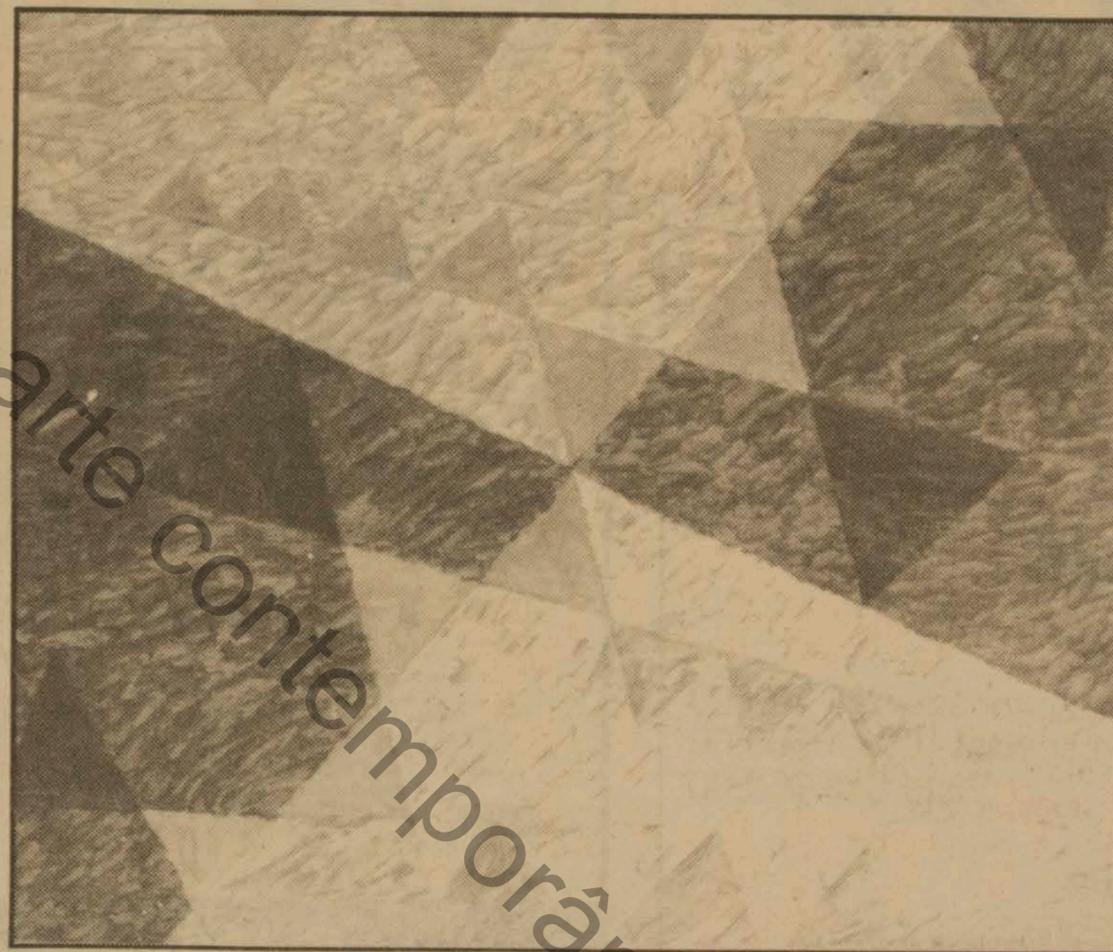
Rigor e anarquismo

Ele tem nome de jogador de futebol e o carisma de um boa praça. Atrás de tais adjetivos, esconde-se Hermelindo Fiaminghi e sua exposição "Cor-Luz", na Montesanti Galleria, em São Paulo. Há dois anos, desde sua última mostra, estava metido no ateliê. Saía apenas para rodar a cidade, os restaurantes, falar muito, bebericar — o resultado do périplo artístico merece agora estar sob as luzes da ribalta chapliniana. Aos 68 anos, um dos pilares do concretismo, brande seus pincéis e inscreve de vez sua estratégia na história da arte brasileira.

Não é pouca coisa. Ombro a ombro, Walde-mar Cordeiro e Sacilotto (também expõem em São Paulo, na Galeria Millan). O poeta Décio Pignatari distinguiu as duas mostras em um arrazoado concretista. Sacilotto estaria com as formas e Fiaminghi mergulhado na cor. Parece simples, mas não é. O movimento paulista dos anos 50 ressurgiu através das artes plásticas detonando novos tiros e idéias. E com uma maior flexibilidade, mais arejado. Aqueles que jogaram pedras e perdigotos nessa turma plástica, agora engolem a seco a contemporaneidade de suas propostas.

Hermelindo Fiaminghi resolveu explodir as cores, as formas e seus conceitos. As telas estão povoadas de tons ousados, quase aprisionados pela sensação concretista. Em seu atual trabalho, há a briga surda entre forma e cor, rigor e anarquismo, razão e emoção. O duelo ocorre em surdina, ao pé-do-ouvido, talvez porque o artista conviva com tais dualidades — que terminam demonstrando uma curiosa inquietude. Da miscelânea, uma proposta de revisão da própria pintura: o conceitual desapareceu, surgiu o gestual, e muita gente não está sentindo-se muito bem. A pintura sem idéias ganhou nacos enormes do mercado e do público desinformado. Fiaminghi, brandindo seus pincéis, sugere o questionamento do estado de coisas.

Os quadros discutem a convivência entre o rigor da forma e a liberação das cores/luzes. Terminam — pelo resultado — elogiando o acasalamento. É uma antiga discussão — agora com a proposta de outro caminho. Fiaminghi destrói os dois conceitos e inaugura sua própria anarquia. Os quadrados tentam aprisionar os vãos coloridos: não conseguem. O geométrico é obrigado a duelar violentamente com a liberdade sugerida pela cor, as-



Na pintura de Fiaminghi, cor e geometria

soprada pela inquietude. Porém, os tons anunciam suas novas fronteiras, posam sobre uma outra postura cartográfica. Não há como a forma resistir ao assédio enviado pela cor.

O trabalho chega a ser embebido pelas cores. A forma torna-se então um suporte, quase referencial. Vira um cenário moderno, de colorido vibrante, recheado de referências à própria história da pintura — até o concretismo é rediscutido. Acontece que as citações terminam — também — molhadas pelos outros artistas que se enfiaram nessa conversa. Fiaminghi está ao mesmo tempo propondo seu novo enfoque e mencionando os parceiros ancestrais do cenáculo — Max Bill, para um único exemplo.

O gestual mergulhou a pintura em um beco atulhado de tipos que pouco entendem da convivência entre as cores, suas famílias. Basta um olhar pela Geração 80, semelhante a um Opala 68, e a coisa fica mais clarinha. A mistura constante de tons que já foram postos lado a lado, sem qualquer insatisfação, agora recebe o troco da vitalidade de Hermelindo Fiaminghi. Aquela desinformação toda, acabrunhada e repetitiva, também leva o seu com os novos trabalhos do artista paulistano. Entre vivos e mortos, o humor desse homem que poderia ser um zagueiro central — mas que continua solidamente no ataque.